

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

PREDICADOS COMPLEXOS

Maria José Foltran*

Preliminares

Este artigo tem um caráter eminentemente descritivo. Nosso propósito é mostrar que os chamados predicados complexos englobam estruturas que diferem quanto aos seus aspectos sintáticos e semânticos. Por predicado complexo, estamos entendendo sentenças do tipo:

- (1) a. Pedro chegou cansado.
- b. Eu considero Maria bonita.
- c. Ela cortou o cabelo curto.

Esses predicados são denominados verbo-nominais pela gramática tradicional. O que caracteriza esse seu estatuto é a presença de um verbo intransitivo ou transitivo acompanhado por um predicativo. Esse constituinte é apresentado pelos gramáticos quando falam dos termos essenciais, sujeito e predicado, e caracterizam os tipos de predicados: os predicados nominais e verbo-nominais apresentam um predicativo. No entanto, não se investe, em nenhum momento, na definição de predicativo. Os gramáticos reconhecem-no como um termo da oração, mas não o definem nem lhe atribuem uma posição específica na classificação dos demais termos (essenciais, integrantes e acessórios).

* Universidade Federal do Paraná

Entendemos que a noção de predicativo está diretamente relacionada à definição de predicado, termo mais geral. Definir predicado, no entanto, não é uma questão trivial. A relação de predicação se dá numa posição de determinado e determinante: a partir de uma ontologia que pressupõe X, indivíduos, e P, propriedades, P predica de X. O ato de pregar é, portanto, criar uma associação entre X e Y, de modo que Y predica de X. No exemplo (1)a, reconhecemos que essa relação se dá entre *chegou* e *Pedro* e, também, entre *cansado* e *Pedro*. Temos aí, portanto, dois elementos que predicom de *Pedro*. O mesmo acontece nos outros dois exemplos, ou seja, temos duas relações de predicação em cada um deles: no exemplo (1)b *considerar Maria bonita* predica de seu sujeito *eu* e *bonita* predica de *Maria*; em (1)c, *cortar o cabelo* estabelece uma relação de predicação com *ela*, do mesmo modo que essa relação se dá entre *curto* e *cabelo*.

Em Foltran (1999), tivemos a oportunidade de discutir esses exemplos e demarcar certas diferenças entre as construções que aparecem em (1). Chamamos as que aparecem em (1)a e (1)c de predicados secundários e a que aparece em (1)b de mini-oração complemento. Este artigo vai explicitar o que entendemos por esses termos e apresentar as características de cada tipo de predicado, alegando que eles precisam ser distinguidos se quisermos dar conta de suas propriedades lingüísticas. É importante observar, ainda, que as construções que vão estar em pauta neste trabalho são unicamente aquelas que apresentam um adjetivo como segundo predicado.

Aspectos teóricos

A distinção entre predicados secundários e predicados primários aparece em Rothstein (1983): a predicação primária ocorre quando o sujeito e o predicado formam um constituinte juntos, e quando o sujeito não é tematicamente licenciado fora da relação de predicação em que ocorre; o predicado secundário se caracteriza pelo fato de o seu sujeito receber um papel temático de outro núcleo lexical. Ao contrário do predicado primário, o predicado secundário não é oracional.

Para entendermos melhor essa distinção, precisamos detalhar melhor o que se entende por papel temático. Essa noção é incorporada pela teoria gerativa, principalmente no modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) e se ocupa da estrutura temática das orações e do modo como essa estrutura se articula com a estrutura sintática.

Aprofundando um pouco melhor, a noção de papel temático está correlacionada com o esquema de subcategorização dos predicados. Um verbo como

imitar expressa uma atividade que envolve dois participantes: o participante ativo, a pessoa que imita, e o participante passivo, o ser que é imitado. Essa noção de “participantes de uma atividade” tem sido formalizada com base na abordagem adotada na lógica e ficou conhecida como estrutura argumental do predicador – os argumentos exigidos pelo predicador são os participantes minimamente envolvidos na atividade ou estado expressos pelo predicado.

Haegeman (1991) usa uma metáfora para explicar a estrutura argumental: predicados são como um *script* de uma peça de teatro. Em um *script*, alguns papéis são definidos e devem ser atribuídos a atores. Os argumentos do predicado determinam que elementos da sentença são obrigatórios. Se um verbo expressa uma atividade envolvendo dois argumentos, deve haver, pelo menos, dois constituintes na sentença que expressam esses argumentos. Se o falante sabe o significado de *imitar* ou, em outras palavras, se sabe que atividade esse verbo expressa, também saberá quantos participantes estarão envolvidos e quantos argumentos o verbo exige.

Avançando um pouco mais, vamos ver como a estrutura de argumentos se relaciona com a noção de papéis temáticos. Consideremos o exemplo abaixo:

(2) Carlos matou Pedro.

Percebemos que os dois argumentos, Carlos e Pedro, mantêm relações semânticas diferentes com o verbo. O argumento Carlos, na posição de sujeito, se refere à entidade que é *Agente* da atividade de matar. O argumento Pedro, o objeto direto, expressa o *Paciente* da ação. Voltando à metáfora apresentada acima, a estrutura de argumentos define o número de participantes envolvidos e a estrutura temática especifica o papel que cada ator vai desempenhar na peça. A relação entre o verbo e os respectivos argumentos ficou conhecida como papéis temáticos. Podemos dizer que o verbo *matar* toma dois argumentos, aos quais atribui papéis temáticos: o papel *Agente* para o sujeito da sentença e o papel *Paciente* para o argumento objeto. O predicado tem, assim, uma estrutura temática, e o componente da gramática que regula a atribuição de papéis temáticos é chamado de teoria temática. Esta teoria contém um componente conceptual, que se ocupa da caracterização semântica das funções temáticas, e um componente formal, que tem a ver com as propriedades estruturais das representações sintáticas que são determinadas pelo fato de estas conterem expressões com funções temáticas, independentemente da caracterização semântica particular dessas funções. Um pouco devido à dificuldade de estabelecer critérios rigorosos formais para proceder à caracterização semântica de funções temáticas, a teoria gerativa tem se ocupado pouco do componente conceptual.

Voltando à discussão que nos interessa, a definição de predicado secundário pode ser, agora, melhor explicada. Em (1)a, *Pedro* recebe seu papel temático de *chegou* e de *cansado*, que também é um predicador. Do mesmo modo, em (1)c, *o cabelo* recebe um papel temático de *cortou* e outro de *curto*. Isso explica o que quisemos dizer ao afirmar que o sujeito do predicado secundário já foi tematizado (recebeu papel temático) numa outra relação de predicação. Voltando a (1)a, reconhecemos que *cansado* atribui uma propriedade a *Pedro* e isso caracteriza a relação de predicação. Se *cansado* é um predicador, atribui papel temático ao argumento que seleciona e esse argumento é *Pedro*, seu sujeito. Por outro lado, *Pedro* mantém uma relação de predicação com *chegar* (*Pedro* é argumento de *chegar* e recebe desse verbo um papel temático). Portanto, o sujeito do predicado secundário é duplamente tematizado. É importante observar, ainda, que para que a relação estabelecida entre o predicado secundário e seu sujeito seja lícita, precisa necessariamente ser mediada por um predicado primário. Isso se deve ao fato de o predicado secundário, diferentemente do predicado primário, não constituir uma oração.

Devemos, ainda, uma explicação: por que não enquadramos (1)b nessa definição? Para entendermos isso, precisamos recorrer à estrutura argumental do predicador *considerar*. Esse verbo exige dois argumentos: a pessoa que considera, de um lado, e o objeto da consideração, de outro. Esse segundo argumento é expresso por uma oração [considera alguém ou algo (*Maria*) de tal modo (*bonita*)]. Essa oração não apresenta elemento verbal com flexão de tempo. Por isso, é chamada de mini-oração. Ora, se a oração como um todo constitui o argumento, portanto, o verbo atribui papel temático à oração e não a um elemento específico dentro da oração. Assim, o argumento *Maria* recebe papel temático apenas de *bonita*, e não é tematizado fora dessa relação de predicação, o que caracteriza *Maria bonita* como um exemplo de predicação primária.

Isso posto, podemos agora identificar as diferentes construções e apresentar características de seu comportamento sintático e semântico. Os exemplos que aparecem em (1) já sinalizam para alguns tipos. Isolamos, de um lado, (1)b como representante das mini-orações complementos e, de outro, (1)a e (1)c, como exemplos de predicados secundários. Esses últimos, no entanto, não esgotam os tipos de predicados secundários. Para isso, recorreremos aos exemplos em (3), repetindo dois exemplos de (1) e acrescentando um terceiro.

- (3) a. Pedro chegou cansado.
- b. João comprou o carro quebrado.
- c. Ela cortou o cabelo curto.

Vemos que em (3)a, o sujeito do predicado secundário é também sujeito do predicado primário; já em (3)b, o sujeito do predicado secundário é objeto direto do predicado primário; isso também acontece em (3)c, com uma diferença: o predicado secundário expressa o resultado da ação verbal sobre o objeto direto. Chamaremos o primeiro de *predicado secundário orientado para o sujeito*, o segundo de *predicado secundário orientado para o objeto* e o terceiro de *predicado resultativo*. Passaremos, agora, a caracterizar melhor essas diferentes construções.

Predicados secundários orientados para o sujeito e para o objeto

Os predicados orientados para o sujeito e os predicados orientados para o objeto serão aqui tratados no mesmo item porque, apesar de o sujeito do predicado secundário desempenhar funções diferentes na oração matriz, na maioria das vezes, apresentam características semelhantes. De início, é bom lembrar que as construções com predicados secundários orientados para o objeto são ambíguas, pois o predicativo expresso por adjetivos concorre o tempo todo com a posição de adjunto adnominal. Para esclarecermos melhor essa questão, vamos retomar o exemplo (3)b. Essa sentença apresenta duas leituras. Numa primeira interpretação, o adjetivo faz parte do sintagma nominal, ou seja, funciona como modificador do nome. Algumas construções sintáticas, por resultarem de uma forma ou outra de movimento de constituintes, como passiva, topicalização ou clivagem, não funcionarão como evidências empíricas para a explicitação dos fatores responsáveis pela ambigüidade de (3)b. Crucial é o fato de que, quando se movem, os constituintes movem-se por inteiro, sem deixar algumas de suas partes para trás. Assim, obtemos (4) e (5).

- (4) a. O carro quebrado foi comprado por João.
b. O carro quebrado, João comprou-o.
c. Foi o carro quebrado que João comprou.
- (5) a. O carro foi comprado quebrado por João.
b. O carro, João comprou-o quebrado.
c. Foi o carro que João comprou quebrado.

Em (4), *quebrado* comporta-se como adjunto de *carro*, integrando o constituinte por ele nucleado, uma vez que em todas essas construções *o carro*

quebrado é o constituinte movido. Em (5), temos uma outra interpretação de (3)b. A partir das mesmas construções usadas em (4), mostramos que o adjetivo é um constituinte à parte, independente do sintagma nominal. Na primeira interpretação, a sentença apresenta a pressuposição de existência de carro, mais ainda, de um carro quebrado. Ao dizer essa sentença com este sentido, o falante pressupõe que existe um carro e que o carro está quebrado, ou seja, do ponto de vista pragmático, o carro quebrado já está no contexto de interpretação da sentença. Em outro sentido, o falante pressupõe a existência de um carro e faz uma asserção de que ele está quebrado.

Podemos listar, agora, as características que essas construções de predicação secundária apresentam. Inicialmente, vamos mostrar que essas sentenças podem ser parafraseadas pelo mesmo tipo de construção: o adjetivo, acompanhado da cópula *estar*, fica na oração mais alta e o conectivo *quando* é o mais apropriado para unir as duas orações.

- (6) a. Pedro estava cansado quando chegou.
b. O carro estava quebrado quando João o comprou.

Estamos, assim, descartando a possibilidade de aceitar como paráfrase uma estrutura de coordenação, apresentada em (7), proposta pela gramática tradicional para explicar os predicados verbo-nominais. Nosso argumento é a relação que se estabelece entre o predicado primário e o predicado secundário. A coordenação não capta essa relação.

- (7) a. Pedro chegou e Pedro estava cansado.
b. João comprou o carro e o carro estava quebrado.

Dissemos que o predicado secundário é mediado pelo predicado primário. Essa mediação é denotada de maneira mais adequada pela estrutura subordinada com o conectivo *quando*; a estrutura coordenada denota um paralelismo e, ao mesmo tempo, uma independência entre os dois acontecimentos, o que consideramos inadequado para as construções em pauta.

As duas estruturas se igualam, ainda, em relação à escolha do adjetivo, que deve apresentar o traço [-inerente]. Os adjetivos que expressam propriedades inerentes são adjetivos como *alto*, *grande*, *redondo* e ocorrem com a cópula *ser*. Os não inerentes ocorrem com *estar* e são do tipo de *triste*, *vitorioso*, *atrasado* e outros. Essa distinção se aproxima daquela feita por Carlson (1977), que separa predicados de indivíduos (*individual level*) de predicados de um estágio do indivíduo (*stage level*). Nessas estruturas só podem ocorrer predicados *stage level*. Podemos comprovar isso nos exemplos (8) e (9).

- (8) a. *O menino chegou inteligente.
 b. *Pedro encontrou o livro difícil.¹
- (9) a. O menino chegou triste.
 b. Pedro encontrou o livro aberto.

Na verdade, a restrição que se faz não é ao adjetivo em si, mas à leitura *individual level* desse adjetivo. Qualquer adjetivo é permitido, desde que veicule uma leitura de estágio. O adjetivo *americano*, de modo geral, é empregado como um adjetivo *individual level*. Se for usado numa estrutura de predicação secundária, no entanto, ele deve ser lido como um adjetivo de estágio, isto é, alguém se torna americano no percurso.

- (10) Ele voltou americano.

Outra restrição desse tipo de estrutura é o fato de um sintagma nominal não poder ocorrer como predicado secundário. Há ambientes que permitem um sintagma nominal na função predicativa, como exemplificamos em (11)a. No entanto, (11)b/c mostra a inaceitabilidade de uma expressão desse tipo nas construções de predicação secundária.

- (11) a. João é o meu melhor amigo.
 b. *João chegou o meu melhor amigo.
 c. *Eu encontrei Carlos o meu melhor amigo.

Outro fato a observar é que o predicado secundário pode ser retirado dessas construções sem prejuízo para a boa formação da sentença, o que significa que o adjetivo predicativo não é subcategorizado pelo verbo.

- (12) a. Pedro chegou cansado – Pedro chegou.
 b. João comprou o carro quebrado – João comprou o carro.

Um outro fato a se levantar é o seguinte: se o predicado secundário não é subcategorizado pelo verbo, qualquer verbo permite a ocorrência de um predicado secundário? Nossos estudos mostram, aí, uma restrição: os verbos estativos são pouco propensos a admitir um adjetivo predicativo, como mostra (13).

¹ A inaceitabilidade se refere apenas à leitura predicativa do adjetivo. Essas sentenças são plenamente aceitáveis se interpretarmos o adjetivo como adjunto adnominal.

- (13) a. *Pedro possui livros rasgados.
b. Pedro vendeu os livros rasgados.

A sentença em (13)a não permite que o adjetivo seja interpretado como predicativo, mas só como adjunto do nome. No entanto, outros verbos estativos permitem a ocorrência de um adjetivo com esse estatuto, como podemos ver em (14).

- (14) Odeio meu café gelado.

No entanto, o adjetivo predicativo parece estabelecer, aí, um outro tipo de relação com o verbo. Podemos observar que a paráfrase usada para as outras construções é, no mínimo, estranha para o caso de (14).

- (15) ?Meu café está gelado quando eu o odeio.

Essas são as principais características que levantamos a respeito dessas construções de predicação secundária. É óbvio que o comportamento dessas estruturas pede explicações. Essas explicações, no entanto, ultrapassam os limites deste trabalho. Alguns desses fatos foram explicados em Foltran (1999). Vamos passar, agora, a um outro tipo de predicado secundário: os resultativos.

Predicados resultativos

Os predicados resultativos são um tipo especial de predicado secundário que só pode se aplicar ao objeto direto. A sua tarefa é descrever o estado final do objeto direto, o qual só existe a partir da ação verbal. Daí o nome de resultativo.

Essas são construções que veiculam um conteúdo semântico de causalidade. São formadas a partir de verbos chamados de “verbos de criação”. Apresentamos, a seguir, algumas construções resultativas do português.

- (16) a. Ele cortou o cabelo curto.
b. Ele costurou a saia justa.
c. Ele fez o chá fraco.
d. Ele construiu a casa muito grande.
e. Ele desenhou o círculo torto.
f. Ele cortou o pão em fatias.
g. Ele bateu as claras em neve.

- h. Ele pintou a parede de branco.
- i. Eles elegeram Paulo presidente da fábrica.

Como podemos observar em (16), os resultativos, em português, podem ser expressos por sintagmas nominais, como em (16)i, por sintagmas preposicionados, como em (16)f-h, ou por sintagmas adjetivos. Essas construções diferem das demais construções de predicação secundária no que se refere à forma de ser parafraseadas: não admitem a paráfrase através de construções com o conectivo *quando*.

- (17) *O cabelo estava curto quando ele o cortou.
 *A saia estava justa quando ele a costurou.

As paráfrases não são aceitáveis para esse tipo de construção, porque a função do adjetivo predicativo é descrever o estado final do objeto direto, que só passa a existir a partir da ação verbal. Verbos que não se encaixam nessa classificação são verbos como *eleger* e *nomear*, que, a nosso ver, também integram construções resultativas quando acompanhados do sintagma nominal que indica o resultado. Observe-se (16)i: *Paulo presidente* é um resultado da ação de *eleger*. Embora essa classificação não seja tão evidente quanto as outras, não encontramos fundamentos para tratar essas sentenças como predicados secundários de outros tipos ou como mini-orações complementos. De um lado, essas construções não admitem a mesma estrutura de paráfrase admitida pelos outros predicados secundários, como apontamos em (17); de outro, não permitem complemento oracional, estrutura paralela com *ser* e a eliminação do adjetivo predicativo não acarreta agramaticalidade, que são características das mini-orações complementos, como veremos no próximo item.

- (18) a. *Nós elegemos que Paulo é deputado.
 b. *Nós elegemos ser Paulo deputado.
 c. Nós elegemos Paulo.

A ocorrência de predicados secundários resultativos é muito limitada no português, como, de modo geral, nas outras línguas românicas. O inglês, por exemplo, permite construções resultativas com verbos intransitivos, como *laugh*, por exemplo.

- (19) John laughed himself sick.

Construção de resultativos com a estrutura que estamos analisando não é um processo produtivo no português. No entanto, é razoável pensar que o

português deve ter outras formas de expressar ações que se aplicam a determinados objetos produzindo neles certas características. As sentenças em (20) constituem pistas de como seriam essas formas.

- (20) a. Poliu o carro bem polidinho.
- b. Areou a panela bem areadinha.
- c. Colocou a toalha na mesa bem esticadinha.
- d. Aqueceu o ferro até ficar vermelho.

Mini-orações complementos

Como já falamos no início deste artigo, as mini-orações complementos são subcategorizadas pelo verbo e instanciam uma predicação primária. Um exemplo típico desse tipo de construção é o que aparece em (1)b, retomado aqui como (21).

- (21) Eu considero Maria bonita.

Estamos, aqui, entendendo mini-oração como uma estrutura formada por um constituinte não flexionado, consistindo de um sintagma nominal e um predicado, sendo que o sintagma nominal não é selecionado semântica ou sintaticamente pelo verbo matriz. Assim, em (21), o sintagma nominal *Maria* não é subcategorizado pelo verbo. Ao invés disso, o verbo seleciona um complemento oracional ao qual atribui um papel temático interno. Ao contrário dos predicados secundários, se o predicado da mini-oração complemento for eliminado, o resultado é agramatical.

- (22) *Eu considero Maria.

Só podemos aceitar (22), se tomarmos *considerar* num outro sentido. O fato de o verbo atribuir um papel temático ao constituinte oracional, que é seu complemento, livra o sintagma nominal *Maria* de uma dupla marcação temática, o que exclui esse tipo de sentença dos predicados secundários.

Outra característica desse tipo de construção é a possibilidade de substituir a mini-oração por uma oração encaixada com tempo finito. Isso não acontece com as construções de predicação secundária.

- (23) a. Eu considero que Maria é inteligente.
- b. *João chegou que é cansado.

Nas mini-orações complementos podemos ter sintagmas nominais ocorrendo como predicado. Vimos que essa ocorrência é bastante restrita entre os predicados secundários.

(24) Eu considero Maria [minha melhor amiga]_{SN}

Além das diferenças apontadas acima entre mini-orações complementos e predicados secundários, podemos citar outra referente a sua distribuição: só mini-orações complementos permitem construção com a cópula.

- (25) a. Maria considera ser o livro interessante.
b. *O menino chegou ser/estar cansado.

Diferentemente dos predicados secundários, o adjetivo que aparece aí é o que atribui uma propriedade do tipo *individual level*. A possibilidade de um sintagma nominal nessa posição comprova isso: sintagmas nominais são predicados *individual level*.

- (26) a. *Maria considera o livro rasgado.
b. Maria considera o livro difícil.

Não há estudos definitivos a respeito de que verbos integram esse tipo de estrutura no português. A princípio, sugerimos os verbos *julgar, acreditar, supor, crer, achar, querer*, apesar de não se comportarem exatamente da mesma forma, como mostramos abaixo.

- (27) a. João julga Pedro.
b. João julga Pedro inocente.
c. João julga ser Pedro inocente.
d. João julga que Pedro é inocente.
- (28) a. *João acredita Pedro.
b. *João acredita Pedro inocente.
c. João acredita ser Pedro inocente.
d. João acredita que Pedro é inocente.
- (29) a. *João supõe Pedro.
b. João supõe Pedro inocente.
c. João supõe ser Pedro inocente.
d. João supõe que Pedro é inocente.

- (30) a. *João crê Pedro.
b. ?João crê Pedro inocente.
c. João crê ser Pedro inocente.
d. João crê que Pedro é inocente.
- (31) a. *João acha Pedro.
b. João acha Pedro inocente.
c. João acha ser Pedro inocente.
d. João acha que Pedro é inocente.
- (32) a. *João quer Pedro.
b. ?João quer Pedro inocente.
c. *João quer ser Pedro inocente.
d. João quer que Pedro seja inocente.

Essas especulações têm a intenção de mostrar que esse é um assunto que comporta investigação.

Conclusão

Conforme nossa proposta inicial, mostramos que os predicados complexos, aqueles formados por adjetivos predicativos, apresentam características sintáticas e semânticas díspares. Apontamos, essencialmente, dois tipos de estrutura: predicados secundários e mini-orações complementos. Os primeiros se dividem, ainda, em predicados secundários orientados para o sujeito, predicados secundários orientados para o objeto e predicados resultativos. Como observamos no início, nosso propósito aqui é puramente descritivo. Alguns desses fatos lingüísticos receberam explicações em Foltran (1999). No entanto, a questão da predicação é, ainda, um assunto muito fértil para pesquisas.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo mostrar que estruturas diferentes integram os predicados complexos e apontar as características sintáticas e semânticas dessas estruturas. Os predicados complexos são divididos em predicados secundários e mini-orações complementos. Os predicados secundários recebem, por sua vez, uma subclas-

sificação, a saber: predicados secundários orientados para o sujeito, predicados secundários orientados para o objeto e predicados resultativos. O propósito deste trabalho é eminentemente descritivo.

Palavras-chave: predicados complexos, predicados secundários, mini-orações complementos.

ABSTRACT

By means of a descriptive account, this paper attempts to show that different structures are part of complex predicates, and to present the semantic and syntactic features of these constructions. These complex predicates can be secondary predicates or small clause complements. Secondary predicates can, in turn, be classified into subject-oriented secondary predicates, object-oriented secondary predicates or resultative predicates.

Key words: complex predicates, secondary predicates, small clause complements.

REFERÊNCIAS

CARLSON, G. A unified analysis of the English bare plural. *Linguistics and Philosophy*, Dordrecht, v. 1, p. 413-457, 1977.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

FOLTRAN, M.J. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. São Paulo, 1999. Tese de doutorado - Universidade de São Paulo.

HAEGEMAN, L. *Introduction to government and binding theory*. Cambridge (MA) : Blackwell, 1991.

ROTHSTEIN, S. *The syntactic forms of predication*. Cambridge (MA), 1983. Doctoral dissertation - Massachusetts Institute of Technology.